



UM RIO DE BAIXOS: A DISTRIBUIÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DE ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NOTURNA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO¹

Leonardo José Iorio²

RESUMO

Os “Baixos” são um tipo de espaço de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro. Pontos de encontro da boemia e referências no imaginário social da noite carioca, eles surgem em meados da década de 1970, no bairro do Leblon, e desde então se espalharam por diversos bairros e zonas ao longo das décadas, em um possível processo de difusão. Este artigo tem como objetivo compreender a distribuição espaço-temporal dos Baixos enquanto espaços de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro. Buscaremos caracterizar a sua expansão na cidade e identificar padrões e comportamentos envolvidos nesse processo, verificando a existência de algumas fases dessa expansão. A intenção é que, no futuro, esses padrões e fases possam ser associados a diferentes formas de organização espacial dos Baixos ao longo dos anos, a fim de analisar o possível processo difusório.

Palavras-chave: Baixos; Sociabilidade; Rio de Janeiro; Vida Noturna; Noite.

ABSTRACT

The “Baixos” is a kind of nocturnal sociability space in the city of Rio de Janeiro. Meeting points of bohemia and references in the social imaginary of Rio's nightlife, they emerged in the mid-1970s, in the Leblon neighborhood, and since then they have spread to various neighborhoods and areas over the decades, in a possible diffusion process. This article aims to understand the spatiotemporal distribution of the Baixos as spaces of nocturnal sociability in the city of Rio de Janeiro. We will seek to characterize its expansion in the city and identify patterns and behaviors involved in this process, verifying the existence of some phases of this expansion. The intention is that, in the future, these patterns and phases can be associated with different forms of spatial organization of the Baixos over the years, in order to analyze the possible diffusion process.

Keywords: Baixos; Sociability; Rio de Janeiro; Nightlife; Night.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a vida noturna da cidade do Rio de Janeiro assumiu e se apresentou a partir de múltiplas configurações, sendo marcada por diversos tipos, atividades e sentidos ao longo dos anos, do fim do Século XVIII ao presente momento. A espacialidade dessa noite e de suas atividades foi e ainda é igualmente múltipla. Não apenas sua localização e distribuição espacial na cidade são variadas, orientadas pela ação de diferentes agentes políticos, culturais e sociais e de intensas negociações entre eles (Góis, 2016), mas também pela própria diversidade de atividades e suas formas particulares de organização espacial. Desde o século

¹ Artigo inserido em um processo de produção de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGG-UFRJ, com bolsa financiada pela CAPES.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGG-UFRJ, leonardo.iorio@yahoo.com.br



XIX, cafés, danceterias e gafieiras, cassinos, casas de show, bares, botequins, restaurantes e afins marcaram a noite carioca em diferentes épocas³, além de produzirem e serem produzidas a partir de especialidades específicas. Nesse sentido, diferentes espaços da cidade foram privilegiados ao encontro social noturno. Não é nosso desejo aqui (e nem seria possível) analisar esse conjunto de espaços em sua totalidade. Ao invés disso, este trabalho dedica atenção a um grupo específico de espaços de sociabilidade da noite carioca que se desenvolve a partir de meados da década de 1970 na cidade: os Baixos.

Os Baixos são um tipo de espaços de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro, famosos pontos de encontro da juventude e da boemia carioca. Marcados pela concentração de bares, botequins e restaurantes, milhares de pessoas são atraídas para esses locais, de forma que os ritos de sociabilidade ali desenvolvidos se configuram não apenas no interior desses estabelecimentos, entre quatro paredes, mas ainda mais intensamente ao ar livre ao seu redor. Nesse sentido, os espaços públicos são parte fundamental das formas de sociabilidade que caracterizam os Baixos. As ruas, calçadas e esquinas se veem repletas de frequentadores que sociabilizam e consomem produtos de pé ao ar livre, em constante interação com a rua e com maior liberdade de circulação, marcando profundamente a paisagem urbana. Tratamos, portanto, de uma sociabilidade desenvolvida na interação entre duas esferas, a pública e a privada, que orientam condutas e práticas distintas que se associam intensamente aos Baixos.



Legenda: Baixo Gávea em 2017. Nota-se a intensa ocupação das calçadas externas ao estabelecimento, com boêmios em situação de consumo e sociabilidade e clientes em fila aguardando a entrada no local. Foto:

Selmy Yassuda – Veja RIO⁴.

³ Para um panorama mais amplo da história da noite carioca, ver FEIJÓ, Léo; WAGNER, Marcus. **Rio - cultura da noite**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

⁴ Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/comer-e-beber/comer-beber-20172018-gavea-bares/>



O primeiro Baixo surge no Rio de Janeiro em meados da década de 1970, no bairro do Leblon, Zona Sul da cidade: o Baixo Leblon. Acredita-se que o nome “Baixo” tenha nascido a partir de uma brincadeira dos seus frequentadores em relação ao já existente Alto Leblon. O local, além de estar localizado em uma área de altitude elevada (por isso o nome “Alto”), era predominantemente residencial e tranquilo, um espaço das classes mais altas – ou seja, uma completa antítese da área comercial e boêmia na parte mais baixa do bairro – baixa em altimetria e em condutas – que promovia o encontro de diversas tribos e grupos e cujas atividades perduravam durante toda a madrugada. Teria surgido, assim, o Baixo Leblon.

A concentração de estabelecimentos como bares e restaurantes no Baixo Leblon servia de grande atrativo ao público pela variedade de opções de serviços, atraindo não apenas a juventude boêmia, mas também uma elite cultural composta por famosos artistas, políticos e jornalistas, concentrados na Zona Sul da cidade. Seu comportamento ganhava diariamente as páginas das colunas sociais, conferindo ao Baixo Leblon uma intensa visibilidade na mídia, levando à consolidação do Baixo no imaginário social, noturno e boêmio carioca.

Nos anos seguintes, é possível registrar em diversos locais da cidade o surgimento de novos espaços de sociabilidade noturna também chamados de “Baixos”, sempre seguindo o tipo de nomenclatura “Baixo” + nome do bairro em que se localizavam, como o Baixo Gávea, o Baixo Botafogo e o Baixo Ipanema. São novos pontos de encontro na noite carioca que, apesar de algumas diferenças em sua composição e configuração, que se manifestaram ao longo das décadas, possuem grandes semelhanças entre si, sobretudo em termos da concentração de bares e restaurantes e da intensa ocupação dos espaços públicos adjacentes a eles. Ou seja, a configuração física, como a morfologias das ruas, dos estabelecimentos e do mobiliário urbano, e a configuração de comportamentos, como as formas de uso e interação no espaço que marcam esses locais se espalham ao longo dos anos e passam por transformações ao longo desse processo, se reconfigurando. Os Baixos se consolidam na cidade de tal forma que ainda na década de 2010, quarenta anos após o surgimento do Baixo Leblon, novos Baixos ainda eram registrados, em diversos pontos e áreas do seu território. Tal conjunto de fatos nos fez questionar sobre a existência e o curso de um processo de difusão dos Baixos enquanto espaços de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro.

O presente trabalho está situado em uma pesquisa de dissertação de mestrado que busca responder justamente à pergunta anteriormente feita. Existe um processo de difusão dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro? Os esforços e os mecanismos a serem executados para responder tal questão são bastante complexos e exigem diferentes etapas e formas de análise do processo. Acreditamos, porém, que uma das etapas essenciais dessa pesquisa compreende



um melhor entendimento da distribuição espacial e temporal dos Baixos na cidade ao longo dos mais de quarenta anos de existência desses espaços. Nesse sentido, temos como objetivo compreender a distribuição espaço-temporal dos Baixos enquanto espaços de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro. Buscaremos caracterizar a expansão dos Baixos na cidade e identificar padrões e comportamentos envolvidos nesse processo, verificando a existência de algumas fases dessa expansão. A intenção é que, no futuro, esses padrões e fases possam ser associados a diferentes formas de organização espacial dos Baixos ao longo dos anos, a fim de analisar um possível processo difusório.

A importância de compreender a distribuição espacial e temporal dos Baixos, além de indicar uma forte vinculação da pesquisa em relação ao seu conteúdo e interesse geográfico, constitui uma etapa essencial para compreendermos um possível processo de difusão dos Baixos em curso na cidade. Para além desses pontos, os Baixos se apresentam como um objeto de estudo de grande interesse geográfico e social, por possuírem não apenas uma forte expressividade espacial e temporal na cidade, ao passo em que estão presentes em dezenas de bairros do Rio de Janeiro ao longo de mais de quarenta anos de existência, mas também por serem importantes pontos de referência no imaginário social e noturno da cidade do Rio de Janeiro, marcando a paisagem urbana e sendo componente central da vida social carioca.

Acreditamos também que analisar a espacialidade da vida noturna carioca, não apenas por si mesma, mas aliada à ação dos diferentes grupos e agentes envolvidos, constitui uma etapa fundamental na compreensão da própria vida social, política e cultural da cidade. Somase a isso o fato de que a partir de um amplo recorte temporal como o adotado aqui, torna-se possível acompanhar o curso de algumas mudanças e processos de grande relevância ao estudo da cidade do Rio de Janeiro e sua vida social, para além do interesse específico no objeto analisado.

APORTE TEÓRICO

A temática da sociabilidade vem sendo alvo de intensas discussões no âmbito das ciências sociais, de forma que diversos campos de conhecimento inseridos nesse domínio, e a Geografia não é exceção, têm estabelecido importantes vínculos e formas de diálogos com a ideia. Para Simmel (2006), a sociabilidade corresponde a uma forma de interação social sem fins específicos. Ao contrário do conjunto de estímulos e impulsos que orientam as formas de interação entre os indivíduos e dão significado à sociedade, Simmel argumenta que a sociabilidade se dá de “forma pura”, sem finalidades específicas que não seja a própria



realização do encontro social em si e da interação entre os indivíduos reunidos. Em suas palavras,

“Posto que, para a sociabilidade, se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida, a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos, precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia [...] À medida que a sociabilidade, em suas configurações puras, não tem qualquer finalidade objetiva, qualquer conteúdo ou qualquer resultado que estivesse, por assim dizer, fora do instante sociável [...]”. (Simmel, 2006, p. 64-66).

A Geografia apresenta grande potencial em fornecer um conjunto de conceitos, métodos, instrumentos e reflexões no sentido de compreender o fenômeno da sociabilidade e suas formas de manifestação na cidade. As profundas relações entre a sociabilidade e a espacialidade se tornam objeto de extrema relevância no âmbito da pesquisa geográfica, proporcionando uma ampla riqueza analítica ao tema. Destaca-se aqui a análise dos espaços de sociabilidade na cidade, espaços diversos e múltiplos, cujo conjunto de atributos os torna privilegiados ao encontro e à interação social, produzindo profundas marcas na paisagem urbana e sendo munida de grande relevância na vida social da cidade.

A noite é terreno fértil para pensarmos tais formas de sociabilidade, muito atreladas ao comércio noturno de bares e restaurantes, o que acaba por marcar não apenas a paisagem urbana, mas também o imaginário social atrelado à vida noturna. Tal fato, entre outros, gerou nos últimos anos um significativo avanço nos estudos sobre a noite e a vida noturna nas cidades, seguindo matrizes e perspectivas de análise de diversos campos das ciências sociais e, por consequência, diferentes formas de conceber e compreender a noite.

Algumas dessas visões se sobressaem e ganham destaque dentre o conjunto de estudos sobre o tema, como as ideias da noite como um terreno de transgressão, oposto ao dia, sendo apropriado pelos jovens na manifestação de suas identidades (MARGULIS, 1997; CRESSWELL, 1998; ROBINSON, 2009) e a contribuição de Melbin (1987) que aponta a noite como uma fronteira a ser explorada. A espacialidade também tem sido apontada como elemento central para compreendermos a noite e a vida noturna nas cidades, conforme os trabalhos de Torres (2000), Magnani (2002), Almeida & Tracy (2003) e Góis (2016). Dentre estas reflexões, entendemos aqui a noite a partir deste último, que destaca a importância da associação das formas e práticas na conformação da vida noturna nas cidades. Em suas palavras:



“[...] o que define o noturno são as práticas sociais e as formas construídas que se dedicam ao encontro social sob condições de iluminação, negociação e localização especialmente criadas para o que os agentes sociais definem como noite.” (GÓIS, 2016, p.186).

A noite carioca tem sido objeto de investigação a partir de uma ampla frente temática. Dentro dessa variedade é possível perceber a reincidência da menção e da análise de certos espaços de sociabilidade da cidade, lugares cuja relevância na vida social carioca e seu conjunto de atributos merecem atenção e destaque no âmbito da compreensão da sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro, como o bairro da Lapa. A literatura sobre os Baixos, porém, não tem apresentado análises mais aprofundadas sobre esses espaços e, nos trabalhos em que esses espaços apareciam, as citações se restringiam a breves referências e pontuais menções em meio aos temas discutidos de forma mais aprofundada. Esse conjunto de características chama atenção, sobretudo quando consideramos a significativa expressão dos Baixos na cidade, seja em sua grande quantidade de ocorrências, em sua intensa presença em diversas áreas da cidade e/ou na longevidade do processo, já consolidado na cidade há mais de quarenta anos. Chama atenção também o fato de que entre a literatura analisada, os Baixos raramente são citados de forma coletiva, dentro de uma multiplicidade de outros Baixos.

METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar a distribuição espaço-temporal dos Baixos no Rio de Janeiro, foi realizado um levantamento de dados para a identificação e registro da sua existência na cidade. O procedimento consistiu em pesquisas online em diversos mecanismos de busca, a partir da palavra-chave “Baixo + *Nome do bairro*”, tendo como base uma lista oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro⁵ contendo o nome dos bairros e sub-bairros da cidade. Foram pesquisadas, portanto, todas as possibilidades de existência de Baixos associados à toponímia de qualquer um dos bairros e sub-bairros da cidade, de forma que, se por um lado diversos resultados foram nulos, indicando a possível inexistência do Baixo pesquisado, por outro foi possível identificar e levantar um número amplamente expressivo da ocorrência de Baixos na cidade, em torno de 69.

⁵ Disponível em: www.rio.rj.gov.br/dlstatic/ListadeBairroseAPs_Mapa



As fontes escolhidas para esse primeiro levantamento consistiram em acervos digitais de jornais de grande circulação histórica na cidade – o Jornal O Globo e o Jornal do Brasil –, as redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, além de resultados obtidos a partir de pesquisas pela ferramenta *Google*, direcionando os resultados para sites de viagem, turismo, gastronomia ou lazer na cidade, que identificaram nos Baixos objeto de interesse para suas pautas pelo seu papel na vida social carioca. A escolha dos acervos digitais dos referidos jornais, por sua vez, se deu pela sua importância histórica na divulgação e veiculação de notícias sobre a vida social na cidade e pela amplitude temporal oferecida por tais acervos, possibilitando pesquisas sobre conteúdos de décadas atrás. Já as redes sociais foram consideradas por serem veículos de intensa publicização da vida social dos seus usuários por parte deles próprios – sobretudo nas últimas duas décadas – prática que engloba a divulgação e a visibilidade de diversos espaços de sociabilidade na cidade, como os Baixos, por parte dos seus frequentadores.

Além da própria verificação da existência dos Baixos, também foram registrados seus endereços de localização. Esses últimos, muitas vezes representados de maneira imprecisa nas fontes analisadas, passaram por um processo de validação a partir da ferramenta *Google Earth/Street View*. Assim, a ocorrência dos Baixos e sua localização foram registrados em uma tabela, com as categorias “Baixo” e “Localização”, além do registro da data de sua primeira menção nas referidas fontes, constituindo assim o primeiro banco de dados elaborado no projeto. A partir da consolidação desse banco de dados, foi desenvolvido um mapa da distribuição espaço-temporal dos Baixos, onde as ocorrências desses espaços na cidade foram georreferenciadas e categorizadas, a partir de diferentes cores, de acordo com a década em que esses Baixos foram registrados pela primeira vez nas fontes analisadas.

Com base na observação do mapa e dos elementos nele contidos, a distribuição espaço-temporal dos Baixos será caracterizada em suas diversas etapas, utilizando-se como base os mapas referentes a cada década do processo e, por fim, analisada. Serão buscados padrões e comportamentos na sua expansão que nos auxiliem a compreender a sua distribuição no tempo e no espaço e a embasar o estudo difusório que se pretende a seguir. Ressaltamos que a opção de separação dos mapas em décadas não se trata de uma periodização do processo de expansão dos Baixos, tarefa que exigiria maiores esforços de análise, além de mais tempo e espaço de discussão. Porém, esse tipo de divisão se mostrou um importante ponto de partida para compreender algumas tendências e comportamentos relativos ao processo.



RESULTADOS

Em Julho de 1976 o Jornal do Brasil publicou sua primeira reportagem sobre um novo e badalado *point* na noite da cidade do Rio de Janeiro, uma área do bairro do Leblon que passa a ser conhecida como Baixo Leblon. Nos meses seguintes, o local adquire uma crescente importância na vida social da cidade e ganha uma cada vez maior visibilidade na mídia. As reportagens passam a tratar o Baixo Leblon como o novo refúgio da boemia carioca, um novo e efervescente ponto de encontro jovem, onde a festa virava a madrugada e artistas e anônimos se misturavam entre bares, restaurantes e esquinas do Leblon, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

A já existência do Alto Leblon, área elevada do bairro que abrigava residências de alto padrão das classes mais elevadas inspirou os frequentadores a nomearem de “Baixo Leblon” a área boêmia do Leblon que tinha como núcleo a esquina da Avenida Ataulfo de Paiva e da Rua Aristides Espínola. O local era marcado por uma concentração de bares, botequins, restaurantes e lanchonetes que funcionavam ao longo da noite e da madrugada, atraindo centenas de frequentadores à área. As ruas, calçadas e esquinas do local eram densamente ocupadas ao longo do período pelos clientes, que interagiam entre si, usualmente em grupo, consumindo produtos e serviços dos estabelecimentos, cujos ambientes internos eram também intensamente utilizados.

Em um momento de uma significativa repressão moral por parte do Regime Militar vigente no país ainda ao final da década de 1970, o Baixo Leblon era considerado uma ilha de liberdade. Os frequentadores desfrutavam de uma permissividade ideológica, política e da livre expressão cultural e sexual. A presença de famosos, como artistas e intelectuais, era constantes, sendo alguns deles recém-chegados ao país de volta do exílio provocado pela Ditadura. Essa liberdade também se dava em termos de deslocamentos no local, com grande flexibilidade de circulação entre estabelecimentos e a rua e um grande teor informal nas relações. Esse conjunto de fatores, juntamente à visibilidade dada pela mídia (sobretudo as colunas sociais) atribuiu ao Baixo Leblon um status de lugar da moda. Estar lá, ver e ser visto no local, se torna sinônimo de prestígio social e, com o passar dos anos, o Baixo, único na cidade até então, vai se consolidando como um dos principais *points* da vida noturna do Rio.

O Baixo Leblon inaugura na cidade uma forma de sociabilidade noturna que articula alguns elementos interessantes a serem observados. Em primeiro lugar, trata-se de uma sociabilidade baseada na integração entre espaços privados e espaços públicos. Não apenas os espaços internos e externos aos estabelecimentos são ocupados por clientes, mas há também a



existência de um espaço do meio termo que articula essas duas esferas. Os estabelecimentos se projetam para as ruas, ocupando calçadas com mesas e cadeiras e expandindo seus limites com a construção de amplas varandas, que articulam a estadia nos ambientes internos com uma noite ao ar livre, observando o movimento na rua.

O Baixo também proporciona uma ampla variedade de estabelecimentos em um mesmo local, o que possibilitava diferentes formas de uso do espaço. Era raro que os ritos de sociabilidade ali permanecessem restritos a apenas um dos estabelecimentos. A proximidade entre eles proporcionava a realização de circuitos ao longo da noite e da madrugada, de forma que as formas de sociabilidade ali desenvolvidas eram também marcadas por uma intensa circulação entre os bares e restaurantes, motivada pela oferta de serviços ou pela realização de encontros ao longo do trajeto. Nesse contexto, os espaços públicos, sobretudo a esquina, passam a funcionar como um espaço comum entre os estabelecimentos, agregando o público de diferentes locais que, na rua, poderiam se tornar um só.

Com o passar dos anos, a mídia passa a noticiar o surgimento de novos “Baixos” por toda a cidade do Rio de Janeiro. Bairros como a Gávea, Botafogo e Ipanema, por exemplo, passam a ser notícia por abrigarem uma nova forma de lazer noturno, marcado pela concentração de bares, botecos e restaurantes, além de seus frequentadores, em áreas do bairro que passam a ser conhecidas como “Baixos”, como uma referência ao Baixo Leblon. Nesse sentido, locais como o Baixo Gávea, Baixo Botafogo e Baixo Ipanema, para utilizar os exemplos citados, ganham visibilidade na mídia como novos pontos de encontro na noite da cidade. Paralelamente a isso, o termo “Baixo” passa a simbolizar uma forma específica de encontro social e de espaços de sociabilidade noturna, de forma que mesmo com a crescente multiplicidade de “Baixos” registrados na cidade do longo dos anos, seu status enquanto tal funciona como uma espécie de validação de sua qualidade e de referência ao primeiro e mais conhecido deles, o Baixo Leblon. É comum observar em matérias e reportagens, ao noticiarem um novo Baixo, uma referência ao Leblon como origem desse processo.

Com a entrada dos anos 1980, a ideia de refúgio que caracterizava o Baixo Leblon se enfraquece. O significativo aumento da quantidade de frequentadores e curiosos no local, fruto da visibilidade do espaço na mídia e da presença de figuras célebres, e a constante realização de ações policiais de repressão a entorpecentes no local acabaram por afastar os frequentadores mais tradicionais do Baixo Leblon, compostos em sua maioria por uma elite cultural e artística da Zona Sul carioca. Na busca por um novo *point*, esse grupo, chamado na mídia da época como “os dissidentes do Baixo Leblon”, escolhem o bairro da Gávea, vizinho ao Leblon, como seu novo refúgio. A área da Praça Santos Dumont, na esquina da Rua dos



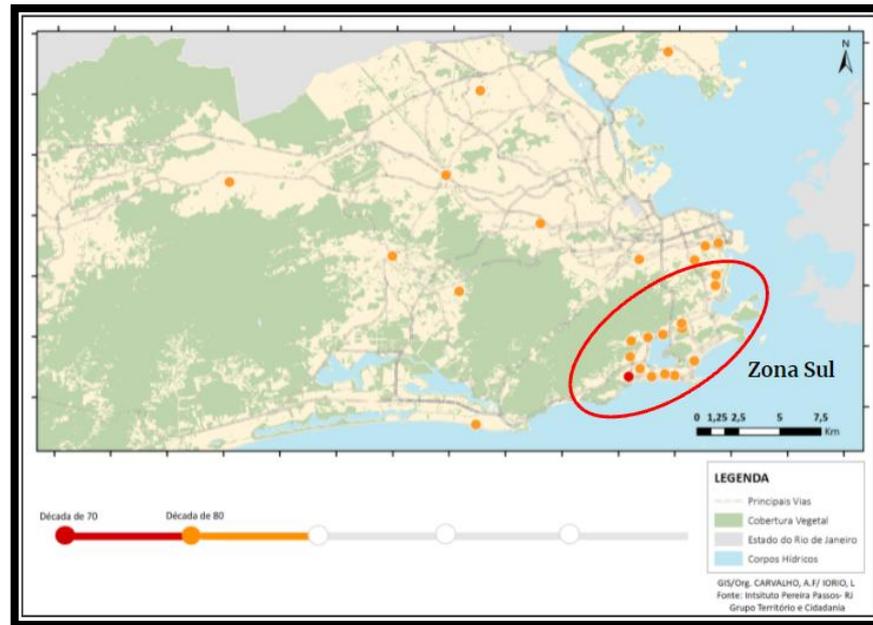
Oitis, concentrava um conjunto de bares e restaurantes que representavam o principal espaço de sociabilidade noturna do bairro e, na transição das décadas de 1970 e 1980 se torna o “Baixo Gávea”. Esse momento marca o início da expansão dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro.

É curioso notar como o bairro da Gávea possuía paralelos muito marcantes com o do Leblon. Tal como o Baixo “original”, o núcleo de sociabilidade da área boêmia da Gávea era concentrado em uma esquina, que abrigava os estabelecimentos em seu entorno. A ocupação dos espaços públicos também era uma característica do Baixo Gávea, com os clientes dos diferentes bares e restaurantes de misturando e interagindo de pé, na rua, em situação de sociabilidade e consumo, além da presença de morfologias que proporcionavam a interação entre as esferas privadas e públicas, como as varandas. Por fim, o contraponto entre uma parte alta e uma baixa no bairro, onde a boemia se concentrava, também era semelhante com o Leblon, o que justificava o uso do termo “Baixo” para além da referência às formas de sociabilidade⁶.

Com a consolidação desse tipo de espaços de sociabilidade no imaginário da noite carioca, a partir do início da década de 1980 se inicia uma intensificação do registro dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro. Os jornais O Globo e o Jornal do Brasil passam a noticiar não apenas o surgimento desses lugares, mas também seus fatos cotidianos, que se tornam pauta constante dos cadernos culturais e colunas sociais. Entre o início do processo, em 1976, até os dias atuais, é na década de 1980 em que mais Baixos são registrados na cidade, sobretudo ao longo da primeira metade, onde os Baixos Leblon e Gávea viveram seu auge. Essa expansão se deu seguindo diferentes lógicas e condicionantes. Não é nossa intenção neste trabalho buscar desvendá-las. Seria necessário um tempo e um espaço de discussão muito ampliado para dar conta desse objetivo. Acreditamos, porém, que é possível descobrir alguns padrões, entre comportamentos e vetores dessa expansão, que serão parte fundamental dos esforços futuros de pesquisa.

A observação do mapa abaixo, sobre a distribuição espaço-temporal dos Baixos entre as décadas de 1970 e 1980, revela alguns comportamentos significativos desse processo de expansão e nos ajuda a formular algumas hipóteses acerca do fenômeno. O ponto vermelho corresponde ao Baixo Leblon, único Baixo existente na cidade ao longo dos anos 1970. Já os amarelos, aos Baixos registrados ao longo da década seguinte.

⁶ Essa relação altimétrica, porém, não se verifica em todos os casos. Por mais que ela seja parte constituinte dos dois primeiros Baixos e até mesmo da origem do termo, é bem raro que se observe esse contraponto altimétrico em outros Baixos na cidade.



Legenda: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro na década de 1980.

Ao longo do período observado, é possível notar que o registro de Baixos se dá de maneira mais intensa na Zonal Sul da cidade, acompanhado de uma pequena concentração na Zona Central. O eixo Zona Sul/Centro, à época, concentrava um total de 17 Baixos dos 26 registrados ao longo do período. Vemos, portanto, que apesar de presentes em diferentes zonas e áreas do Rio de Janeiro, o princípio da expansão dos Baixos se caracteriza por uma maior concentração nos bairros vizinhos e adjacentes ao seu local de origem, o Leblon. Os bairros ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas e com rápido acesso e integração com o Leblon, como a própria Gávea, o Jardim Botânico, Lagoa, Humaitá e Ipanema passam a concentrar esse tipo de espaços de sociabilidade noturna. Ipanema, por exemplo, chegou a abrigar três Baixos ao longo dos anos 1980, que coexistiam e disputavam o status de *point* boêmio do bairro. De maneira oposta, áreas da Zona Sul mais afastadas desse eixo, como o Leme e partes dos bairros de Copacabana e Botafogo⁷, apresentam um vazio de registros. Quanto à concentração na Zona Central, é interessante notar que o surgimento dos Baixos ao longo da década tendeu a se localizar em áreas já tradicionais da boemia, como a Lapa, a Cinelândia e Santa Teresa.

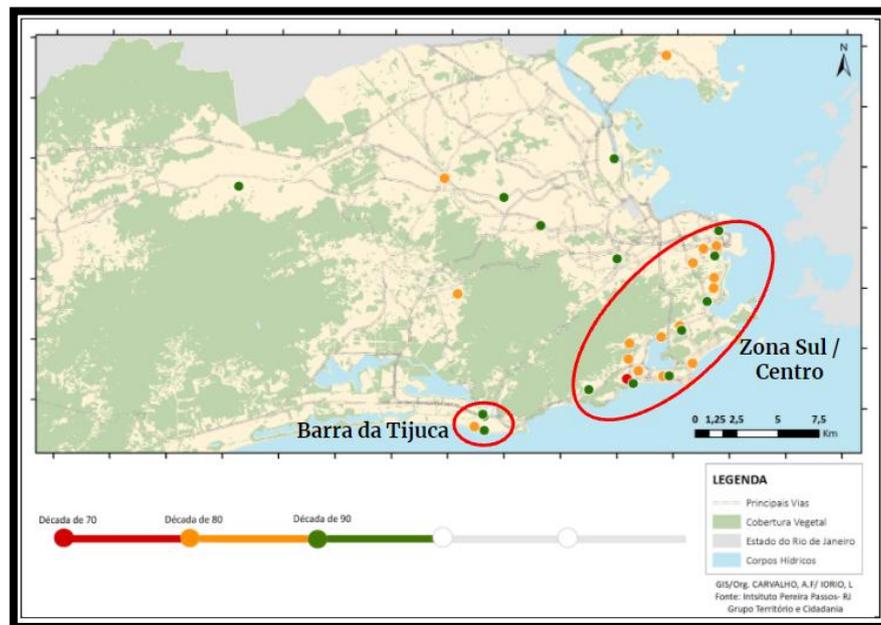
Por outro lado, a expansão nas Zonas Norte e Oeste ocorre de maneira bastante dispersa e pontual, sem concentrações de Baixos nessas partes da cidade. Apesar de ter sua primazia e maior concentração na Zona Sul, o surgimento dos Baixos nas demais Zonas é

⁷ O Baixo Botafogo e Baixo Copacabana foram registrados, respectivamente, em 1980 e 1982. Apesar disso, a localização desses Baixos se concentra em partes dos limites dos bairros, mais próximas aos arredores da Lagoa Rodrigo de Freitas.



concomitante à sua expansão no eixo Zona Sul/Centro, ainda que em menor número. Já em 1982, mesmo ano de aparecimento do Baixo Ipanema e Copacabana, é registrado o Baixo Ilha, localizado na Ilha do Governador, Zona Norte. A localização desses outros Baixos em bairros de expressiva atividade comercial e em subcentros da cidade se repete ao longo da década, tendência que não é tão comum no eixo de maior concentração, com bairros predominantemente residenciais. Assim, bairros da Zona Norte e Oeste como Méier, Tijuca, Bangu, Barra da Tijuca e Taquara são alguns dos locais onde são registrados Baixos nesse período.

O padrão de expansão que se observa ao longo dos anos 1980 se repete na década seguinte. A distribuição dos Baixos no Rio de Janeiro na década de 1990 mantém uma tendência à concentração de Baixos no eixo Zona Sul/Centro da cidade, com a sua ocorrência mais dispersa nos bairros da Zona Norte e Zona Oeste.



Legenda: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro na década de 1990.

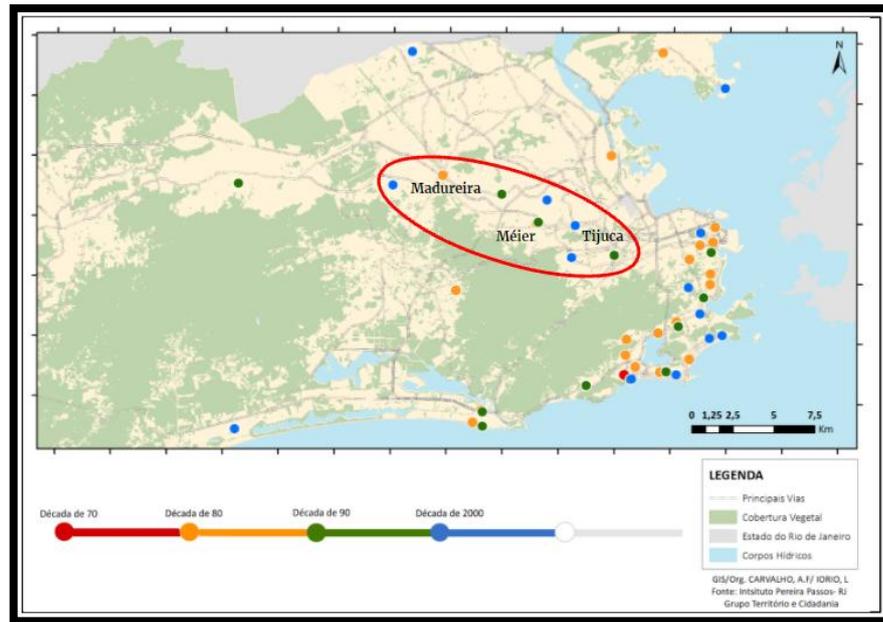
Apesar da manutenção desse padrão, é possível observar o surgimento de algumas tendências de concentração dos Baixos nesse período. Em primeiro lugar, os registros desses espaços ocorrem de maneira mais equilibrada entre as Zonas, diferentemente do que foi observado anteriormente: apesar da evidente maior concentração na Zona Sul e no Centro, sete Baixos são registrados nesse eixo ao longo dos anos 1990, enquanto o restante da cidade registra oito novos. Também se observa que alguns dos Baixos registrados na década anterior deixam de existir ou mudam de lugar.



É possível perceber, contudo, um padrão de concentração dos Baixos ao longo dos bairros da orla da cidade, sobretudo da Zona Sul. Tal tendência já podia se observar nos anos 1980, mas se antes o surgimento de Baixos também ocorreu de maneira mais concentrada em bairros mais internos da Zona Sul, sem contato direto com a praia, na década de 1990 é evidente como a localização desses espaços privilegia a extensão da orla. Dentro dessa tendência, é possível perceber como a Barra da Tijuca ganha uma centralidade na vida noturna da cidade ao registrar em uma pequena porção do bairro três novos Baixos. A área em questão compreende localidade do Jardim Oceânico e da Avenida Olegário Maciel, espaços de intensa atividade noturna que conta com bares, botecos, restaurantes e casas noturnas, além de uma rápida integração com a praia da Barra e com os bairros da Zona Sul, o que permite inserir essa nova centralidade como parte constituinte do eixo de expansão Zona Sul/Centro, apesar de oficialmente estar localizada na Zona Oeste.

Como dito anteriormente, o padrão de localização dos Baixos nas Zonas Norte e Oeste se mantém, com uma maior dispersão entre eles e sem a ocorrência de concentrações. Apesar disso, a associação de Baixos a bairros de maior centralidade comercial permanece, além da mudança da sua localização dentro de um mesmo bairro, como nos casos da Tijuca e do Méier. Sobre esse último exemplo, o Baixo Méier muda de lugar dentro de uma lógica de maior ação do poder público através de intervenções e regulações nas formas de uso desse espaço com programas urbanísticos, o que também ocorreria na Tijuca anos depois.

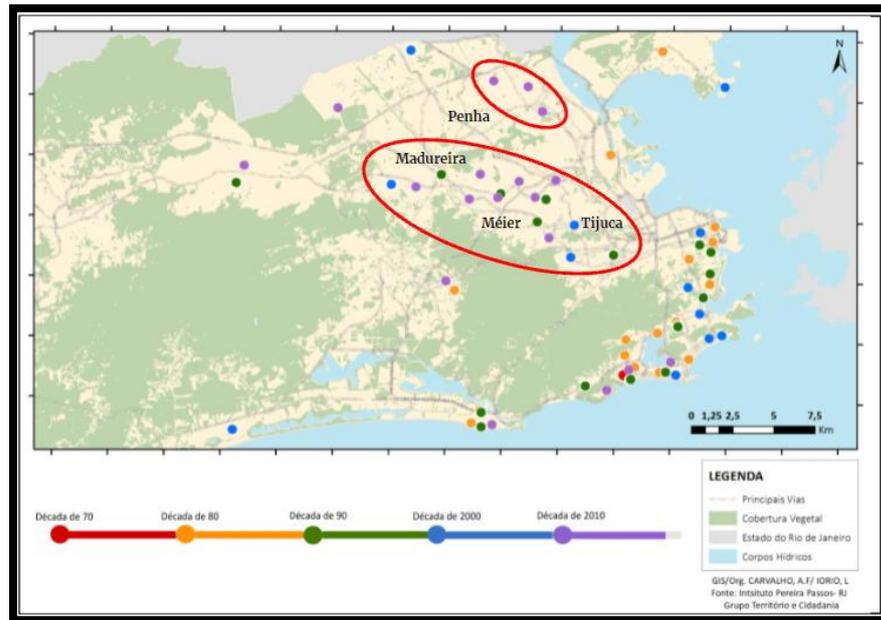
Ao longo dos anos 2000, os bairros do Méier e da Tijuca passam a conter uma nova concentração de Baixos na Zona Norte, a primeira na cidade fora do eixo Zona Sul/Centro, apesar de não tão significativa quanto. Os chamados Grande Méier e Grande Tijuca, englobando um conjunto de bairros das adjacências às áreas mais centrais, registram o surgimento de três novos Baixos, que se somam aos já existentes na formação de uma centralidade na vida noturna do subúrbio carioca. Além disso, o surgimento do Baixo Valqueire, no bairro de Vila Valqueire, se associa ao Baixo Madureira e à concentração nos Grandes Tijuca e Méier no princípio da formação de um novo eixo de expansão dos Baixos. Observa-se também registros fora desse novo eixo, em áreas mais isoladas da cidade, como na Ilha do Governador e na Pavuna, na Zona Norte, e no Recreio, na Zona Oeste.



Legenda: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro na década de 2000.

A Zona Sul e o Centro mantêm seu padrão de concentração, com o surgimento de sete novos Baixos ao longo da orla. Ao longo da década de 2000, a área se torna mais densamente ocupada por Baixos. Antigos vazios, como grande parte do bairro de Copacabana e Botafogo, além do bairro do Leme, passam a conter novos registros. Nesses casos específicos, a ação empresarial na criação dos Baixos se manifesta de maneira mais evidente e organizada. A criação do Baixo Lido, em Copacabana, e do novo Baixo Botafogo, mais próximo à orla da praia, foi organizada a partir da ação de empresários da noite carioca como forma de promoção desses locais a partir do termo “Baixo”.

A última década analisada, a de 2010, marca uma significativa mudança no padrão de surgimento dos Baixos no Rio de Janeiro, sobretudo no que diz respeito à consolidação de um novo eixo de expansão desses espaços na cidade. Se ao longo da história observa-se a tendência de registros de Baixos de maneira bastante concentrada ao longo da orla da Zona Sul e em partes do Centro da cidade, os anos mais recentes revelam um forte protagonismo sendo assumido pela Zona Norte e a consolidação de um segundo eixo de expansão.



Legenda: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro na década de 2010.

O surgimento de Baixos na década de 2010 se apresenta de maneira contida no eixo Zona Sul/Centro, com quatro Baixos registrados ao longo do período. Três deles surgem em bairros com uma existência histórica já bem significativa de Baixos, de forma que a centralidade dos locais é ampliada. É o caso do novo Baixo Barra na Avenida Olegário Maciel, o Baixo Dias Ferreira, nos arredores do Baixo Leblon e o novo Baixo Ipanema. O quarto, Baixo Vidigal, é registrado no Morro do Vidigal, vizinho ao Leblon.

O que mais chama atenção, contudo, é o significativo registro de Baixos na Zona Norte da cidade. As áreas mais isoladas da Zona Norte e Oeste, que apresentavam uma ocorrência mais rarefeita de Baixos, mantém esse padrão, porém nota-se um surgimento mais acentuado na área da Penha, Braz de Pina e Vista Alegre, nos arredores da Avenida Brasil. Por outro lado, o eixo que começa a se formar na década anterior entre as áreas da Tijuca, Méier e Madureira se conforma de maneira ainda mais intensa com o surgimento de oito novos Baixos, que se somam aos nove já existentes. Observa-se, assim, a consolidação de um segundo eixo de expansão e concentração de Baixos na cidade do Rio de Janeiro. A Zona Norte passa a desempenhar um novo papel nesse processo. Esse surgimento massivo parece seguir alguns vetores de expansão associados a elementos do transporte urbano, como o traçado de ramais de trem e metrô, além de importantes vias expressas de ligação entre subcentros comerciais da Zona Norte. A observação desse mapa não nos possibilita afirmar essa correlação como a responsável pelo surgimento de Baixos nesse local. Porém, levanta como hipótese o papel dos ramais de transporte como um dos elementos relacionados à



possível difusão desses Baixos e nos traz elementos de consideração para as etapas posteriores desta pesquisa.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de expansão dos Baixos se fez de maneira significativa e intensa na cidade do Rio de Janeiro. Sua presença é marcante não apenas em termos espaciais, espalhados por diversos bairros e zonas da cidade, mas também temporal, ao passo em que surgem em meados da década de 1970 e ainda hoje, no ano de 2021, novos Baixos podem ser registrados na cidade, além dos antigos ainda presentes. Os Baixos se tornaram uma importante marca da vida social carioca e se consolidaram como tradicionais espaços de sociabilidade noturna na cidade.

Se verificando ao longo de cinco décadas – e adentrando em 2021 na sexta – o processo de expansão dos Baixos na cidade passou por diferentes fases, caracterizadas por padrões de surgimento e concentração distintos. Pudemos identificar neste trabalho três grandes períodos: o primeiro, entre as décadas de 1970 e 1980, onde o surgimento de Baixos privilegiou os bairros da Zona Sul da cidade; o segundo, entre as décadas de 1990 e os anos 2000, onde se observou um relativo equilíbrio entre o surgimento de Baixos na Zona Sul/Centro e o restante da cidade (Zona Norte e Oeste); e o terceiro período, compreendido entre os anos finais da década 2000 e a década de 2010, onde o surgimento na Zona Sul é tímido e a Zona Norte assume um significativo protagonismo, com o surgimento de uma grande quantidade de Baixos em seus bairros.

Nota-se que na Zona Sul, em um primeiro momento, o surgimento dos Baixos se deu nos arredores do primeiro Baixo, o Baixo Leblon, e ao longo dos anos seguintes a expansão se dá ao longo da orla, integrando a Zona Central e a Barra da Tijuca ao eixo. Já na Zona Norte, desde os anos 1980 o surgimento de Baixos tendeu a privilegiar bairros de intensa atividade comercial. Porém, ao longo da década de 2010, percebe-se uma possível relação do surgimento de Baixos com linhas e ramais de transportes e importantes vias de ligação na cidade, como o trem, o metrô, a Avenida Dom Helder Câmara e a Avenida Brasil. Essa correlação corresponde ainda a uma hipótese inicial, mas certamente constituirá parte das análises que se pretende realizar.

Por fim, notar essa mudança de tendências de surgimento e de concentração dos Baixos ao longo dos anos é de suma importância para acompanhar tendências da própria vida social carioca e a sua organização na cidade, para além da sociabilidade. Perceber, por exemplo, essa “virada de chave” nos últimos anos, do surgimento de Baixos na Zona Norte,



quando são tipos de espaços tradicionalmente associados à Zona Sul, é um bom ponto de partida para pensar os novos sentidos e usos que eles adquiriram ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CRESSWELL, Tim. "Night Discourse: producing/consuming meaning on the street". In: FYFE, Nicholas R. (ed.). **Images of the Street: planning, identity and control in public space**. London and New York: Routledge, 1998.

FEIJÓ, Léo; WAGNER, Marcus. **Rio - cultura da noite**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. **Paisagens luminosas e cenários noturnos: formas, práticas e significados da noite na cidade do Rio de Janeiro**. Niterói, Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 211 pp., 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 11-29, jun. 2002.

MARGULIS, Mario. **La Cultura de la Noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires**. Buenos Aires: Biblos, 1997.

MELBIN, Murray. **Night as Frontier**. New York: Free Press, 1987.

REDAÇÃO VEJA RIO. "**Comer & Beber 2017/2018: Gávea – Bares**". Veja RIO, Rio de Janeiro, 28/07/2017. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/comer-e-beber/comer-beber-20172018-gavea-bares/>. Acesso em: 05/10/2021

ROBINSON, Cara. "Nightscapes and leisure spaces: an ethnographic study of young people's use of free space". In: **Journal of Youth Studies**, v. 12, n. 5, pp. 501-514, 2009.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 119 p.

TORRES, Lilian de Lucca. "Programa de Paulista: lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação". In: MAGNANI, J.G.C.; TORRES, L.L. (Org.) **Na metrópole: textos da antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.